

## Insurgências decoloniais em Língua Portuguesa: crônicas e trajetórias de escrita estudantil no Ensino Médio

## Decolonial Insurgencies in Portuguese Language: Chronicles and Student Writing Trajectories in High School

## Insurgencias decoloniales en Lengua Portuguesa: crônicas y trayectorias de escritura estudiantil en la Educación Secundaria

Priscila Nunes Brazil<sup>1</sup> , Manassés Morais Xavier<sup>2</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil.

### Autor correspondente:

Priscila Nunes Brazil

Email: prinunesbra31@gmail.com

**Como citar:** Brazil, P. N., & Xavier, M. M. (2025). Insurgências decoloniais em Língua Portuguesa: crônicas e trajetórias de escrita estudantil no Ensino Médio. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 18(37), e23685. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v18i37.23685>

### RESUMO

Este estudo analisa crônicas produzidas por estudantes do Ensino Médio em um jornal escolar de uma instituição da Rede Federal no Sertão Paraibano. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se na perspectiva decolonial (Mignolo, 2003; Kilomba, 2019) e na Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin, 2003 [1979]; Volóchinov, 2017 [1929]) para compreender como a escrita estudantil pode atuar como prática crítica e insurgente. Foram examinadas crônicas que articulam saberes locais, memórias coletivas e repertórios culturais, tensionando hierarquias epistêmicas e deslocando discursos eurocêntricos. A análise evidenciou estratégias discursivas pelas quais os/as estudantes constroem narrativas éticas e estéticas, legitimando vozes historicamente silenciadas e promovendo reflexão sobre desigualdades. Conclui-se que o jornal escolar se constitui como espaço de resistência epistemológica e de formação crítica, no qual a escrita se configura como ato responsivo, dialógico e transformador, capaz de afirmar identidades, problematizar exclusões e ampliar horizontes para uma educação plural.

**Palavras-chave:** Cidadania crítica. Escrita estudantil. Linguagem dialógica. Perspectiva decolonial. Resistência epistemológica.

### ABSTRACT

This study analyzes chronicles produced by high school students in a school newspaper of a Federal Network institution located in the Sertão of Paraíba, Brazil. The research, with a qualitative approach, is grounded in the decolonial perspective (Mignolo, 2003; Kilomba, 2019) and in the Dialogic Theory of Language (Bakhtin, 2003 [1979]; Volóchinov, 2017 [1929]) to understand how

student writing can operate as a critical and insurgent practice. The chronicles examined articulate local knowledge, collective memories, and cultural repertoires, challenging epistemic hierarchies and displacing Eurocentric discourses. The analysis revealed discursive strategies through which students construct ethical and aesthetic narratives, legitimizing historically silenced voices and fostering reflection on inequalities. The study concludes that the school newspaper constitutes a space of epistemological resistance and critical formation, in which writing emerges as a responsive, dialogic, and transformative act, capable of affirming identities, questioning exclusions, and broadening horizons for a plural education.

**Keywords:** Critical citizenship. Student writing. Dialogic language. Decolonial perspective. Epistemological resistance.

## RESUMEN

Este estudio analiza crónicas producidas por estudiantes de la Educación Secundaria en un periódico escolar de una institución de la Red Federal en el Sertão de Paraíba, Brasil. La investigación, de enfoque cualitativo, se fundamenta en la perspectiva decolonial (Mignolo, 2003; Kilomba, 2019) y en la Teoría Dialógica del Lenguaje (Bakhtin, 2003 [1979]; Volóchinov, 2017 [1929]) para comprender cómo la escritura estudiantil puede actuar como práctica crítica e insurgente. Se examinaron crónicas que articulan saberes locales, memorias colectivas y repertorios culturales, tensionando jerarquías epistémicas y desplazando discursos eurocéntricos. El análisis evidenció estrategias discursivas mediante las cuales los/las estudiantes construyen narrativas éticas y estéticas, legitimando voces históricamente silenciadas y promoviendo la reflexión sobre las desigualdades. Se concluye que el periódico escolar se constituye como un espacio de resistencia epistemológica y de formación crítica, en el cual la escritura se configura como un acto responsivo, dialógico y transformador, capaz de afirmar identidades, problematizar exclusiones y ampliar horizontes hacia una educación plural.

**Palabras clave:** Ciudadanía crítica. Escritura estudiantil. Lenguaje dialógico. Perspectiva decolonial. Resistencia epistemológica.

## DIÁLOGOS INICIAIS: VOZES QUE ROMPEM SILÊNCIOS

O sistema educacional brasileiro é atravessado por desigualdades étnico-raciais que se refletem nos currículos e nas práticas pedagógicas, restringindo a legitimidade de saberes não alinhados à matriz eurocêntrica. No ensino de Língua Portuguesa, essa realidade se manifesta em abordagens que frequentemente silenciam conhecimentos produzidos nos territórios, nas comunidades e nas próprias vivências estudantis, reproduzindo estruturas de poder que marginalizam perspectivas historicamente silenciadas.

Neste artigo, analisamos crônicas produzidas por estudantes do Ensino Médio de uma instituição da Rede Federal localizada no Sertão Paraibano no contexto da elaboração de um jornal escolar, publicado em diferentes edições e abordando temáticas decoloniais. Essas crônicas constituem práticas discursivas insurgentes, articulando experiências locais, repertórios culturais e memórias coletivas, deslocando a centralidade de discursos eurocêntricos e promovendo formas alternativas de legitimação do conhecimento.

Nosso objetivo foi analisar como a prática da escrita de crônicas jornalísticas, por estudantes, no contexto de produção de um jornal escolar, pode atuar como dispositivo de resistência epistemológica de legitimação de vozes historicamente silenciadas.

A análise se fundamenta em duas bases teóricas complementares. A perspectiva decolonial, conforme Mignolo (2003) e Kilomba (2019), permite questionar a hegemonia eurocêntrica nos currículos e valorizar saberes africanos, indígenas e comunitários. A Teoria Dialógica da Linguagem a partir de Bakhtin, 2003 [1979] e Volóshinov, 2017 [1929] possibilita compreender como as

narrativas dos/as estudantes constroem sentido por meio do diálogo e das interações sociais, revelando a multiplicidade de perspectivas e a coparticipação na produção de significado.

Metodologicamente, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada em Flick (2009), Creswell (2017) e Rubin & Rubin (2012), que privilegia a compreensão profunda das experiências e práticas dos/as participantes. Os textos produzidos pelos/as estudantes, dentro do jornal escolar, permitiram identificar como articulam saberes locais e comunitários, elaboram perguntas, registram respostas e organizam narrativas que desafiam padrões hegemônicos de linguagem e conhecimento.

As crônicas, incorporadas nas edições do jornal escolar, evidenciam o potencial transformador da produção estudantil como espaço de resistência e construção de uma educação plural.

## ENTRE VOZES E SABERES: BASES TEÓRICAS PARA INSURGÊNCIAS DIALÓGICAS

O presente estudo se fundamenta em duas abordagens teóricas, cada uma oferecendo contribuições específicas para a compreensão das crônicas produzidas pelos/as estudantes no contexto do jornal escolar. De um lado, a Decolonialidade oferece uma perspectiva crítica sobre as estruturas hegemônicas de conhecimento; de outro, a Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) permite analisar como o sentido se constrói no diálogo e nas interações sociais, com implicações diretas para o ensino de escrita.

A perspectiva decolonial, conforme destaca Mignolo (2005) questiona a hegemonia eurocêntrica que historicamente organiza os currículos escolares e as práticas pedagógicas. Ao privilegiar saberes africanos, indígenas e comunitários, a decolonialidade problematiza a naturalização de certas formas de conhecimento e evidencia como saberes locais e tradicionais são frequentemente marginalizados. Nesse ponto, é elucidativa a leitura de Fanon (1968, p. 27), para quem o mundo colonial se organiza em compartimentos que separam colonizadores e colonizados, relegando estes últimos a uma condição de desumanização:

O mundo colonial é dividido em compartimentos. Sem dúvida é supérfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e cidades europeias, de escola para indígena e escolas para europeus. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitaram o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação de valores [...] por vezes este maniqueísmo vai até o fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. (Fanon, 1968, p. 27).

Esse diagnóstico, formulado no século XX, continua a ecoar nos currículos e práticas escolares brasileiras, onde saberes locais e comunitários muitas vezes permanecem relegados à condição de “não conhecimento”. É justamente nesse ponto que a decolonialidade se insere como chave interpretativa para compreender as crônicas analisadas, pois elas tensionam essas hierarquias ao fazer emergir vozes que o espaço escolar tende a silenciar.

Para o contexto escolar, essa abordagem sugere a necessidade de práticas que reconheçam a legitimidade desses saberes e permitam sua articulação crítica pelos estudantes. No caso das crônicas para o jornal escolar, a perspectiva decolonial orienta a análise sobre quais vozes são valorizadas, quais são silenciadas e de que forma os estudantes podem atuar como agentes de resistência epistemológica, registrando e promovendo a circulação de narrativas que historicamente não encontraram espaço nas escolas.

Nesse ponto, elegemos, no interior do amplo campo da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), as obras de Bakhtin (2003 [1979]) e Volóshinov (2017 [1929]), cuja relevância consideramos crucial para a constituição deste trabalho. Se a decolonialidade nos permite desvelar as hierarquias epistêmicas que historicamente marginalizam determinados saberes, a TDL oferece conceitos

centrais para compreender como esses saberes, ao entrarem em circulação, se concretizam em enunciados situados.

Nessa perspectiva, as produções dos/as estudantes não se configuram como textos isolados, mas como enunciados que se inscrevem em relações sociais, atravessados por contextos históricos e permeados por diálogos, explícitos ou latentes, com outros discursos. A partir desses pressupostos,

toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena. (Bakhtin, 2003 [1979], p. 271).

Aplicada ao ensino de escrita, a TDL destaca que a produção textual é um espaço de negociação de sentidos, no qual o/a estudante articula experiências próprias, saberes aprendidos e registros da comunidade. A escrita, nesse contexto, não é técnica ou mecânica, mas um processo dialógico, no qual o/a autor/a se engaja com múltiplos interlocutores - reais ou implícitos - e constrói significado ao interagir com perspectivas diversas.

No ensino de Língua Portuguesa, a Teoria Dialógica da Linguagem desloca a escrita de uma concepção normativa e estritamente formal para compreendê-la como prática discursiva situada. Escrever não equivale a dominar estruturas gramaticais ou gêneros escolares canônicos, mas a participar de uma rede de interações sociais, respondendo a enunciados anteriores e antecipando respostas futuras. Dessa forma, concordamos com a ponderação de Geraldi (1984, p. 35) quando propõe que “é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos quando falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças”. Afinal, cada produção textual carrega consigo uma posição valorativa, atravessada por ideologias, pela memória social e pelas experiências históricas dos sujeitos que escrevem.

Nesse sentido, a escrita não pode ser reduzida a um exercício escolar desprovido de significado; ela constitui um ato responsivo, no qual o/a estudante toma posição diante de discursos que circulam em sua comunidade e na sociedade mais ampla. Ao escrever, o sujeito assume um lugar no diálogo social, mobilizando repertórios culturais, disputando sentidos e inscrevendo-se em relações de poder. Trata-se de um processo de coparticipação no qual o texto é, simultaneamente, produto de vozes anteriores e ponto de partida para novas vozes que se erguem em resposta.

Essa perspectiva amplia a prática pedagógica do/a professor/a de Língua Portuguesa, pois desloca a centralidade da correção formal para a compreensão da escrita como prática de interação viva, impregnada de significados ideológicos e afetivos. O ensino de escrita, portanto, ganha densidade quando promove situações em que os/as estudantes possam mobilizar suas próprias vivências, relacioná-las a discursos sociais diversos e, assim, construir sentidos que lhes permitam intervir criticamente na realidade.

Além disso, é fundamental compreender que a escrita, sob a lente da TDL, não se esgota no momento da enunciação individual, mas carrega em si a memória social dos discursos. Cada texto é atravessado por vozes precedentes – familiares, comunitárias, midiáticas, acadêmicas – que se reatualizam quando o/a estudante escreve. Esse movimento mostra que não existem enunciados neutros: toda palavra é orientada por valores, perspectivas e ideologias, o que evidencia a inseparabilidade entre linguagem e vida social.

No ensino de Língua Portuguesa, esse entendimento exige superar práticas centradas apenas na reprodução de modelos formais. A tarefa pedagógica passa a ser criar condições para que os/as estudantes reconheçam as vozes que os atravessam, dialoguem com elas e posicionem-se criticamente diante delas. Escrever e (re)escrever, nesse horizonte, é possibilitar que cada sujeito construa sua própria voz na relação com outras, afirmando identidades, memórias e resistências.

No âmbito do jornal escolar, a TDL permite compreender como os/as estudantes planejam perguntas, registram respostas e organizam narrativas, articulando informações coletadas com suas próprias experiências e repertórios culturais. Essa perspectiva evidencia que a escrita dos/as alunos/as é um ato ativo de construção de sentido: eles não reproduzem passivamente conteúdos, mas constroem discursos que dialogam com a comunidade, refletem sobre questões sociais e questionam padrões hegemônicos de linguagem e conhecimento. Assim, a forma linguística,

na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 96).

A análise dialógica concentra-se, portanto, na forma como as narrativas são estruturadas, nos efeitos de sentido produzidos e nas relações de poder implícitas na organização textual, revelando a dimensão crítica da escrita estudantil no processo educativo. O jornal escolar torna-se, assim, um espaço privilegiado de aplicação desses princípios. Publicado em diferentes edições e abordando temáticas decoloniais, ele legitima a produção textual dos/as estudantes como prática de resistência. Afinal,

toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 116).

Sob a lente da TDL, é possível identificar como os/as alunos/as constroem sentido nas crônicas, organizam narrativas e articulam saberes locais, transformando a escrita em prática social de reflexão crítica e afirmação de perspectivas historicamente marginalizadas.

Em síntese, o estudo mobiliza a Decolonialidade para compreender o conteúdo crítico e insurgente das crônicas, quais saberes são valorizados e como a hegemonia cultural é questionada, enquanto a Teoria Dialógica da Linguagem oferece um referencial para analisar o processo de produção textual, o engajamento com o diálogo e a construção de sentido no ensino de escrita.

## **TESSITURAS METODOLÓGICAS: MAPEANDO OS CAMINHOS DA PALAVRA**

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentado em autores como Flick (2009), Creswell (2017) e Rubin e Rubin (2012), que privilegiam a compreensão das experiências e práticas dos/as participantes, entendidas como fenômenos complexos e situados. A opção por esse referencial metodológico permite os processos de elaboração, as relações entre os enunciados e os contextos sociais nos quais emergem.

A investigação concentra-se em crônicas produzidas por estudantes do Ensino Médio de uma instituição da Rede Federal situada no Sertão Paraibano, publicadas em duas edições do jornal escolar produzido no contexto da pesquisa. Esse recorte foi escolhido por permitir uma análise detalhada, sem comprometer a representatividade do conjunto de produções estudantis, oferecendo pistas significativas sobre como práticas de escrita podem atuar como formas de resistência epistemológica e cultural.

As crônicas selecionadas constituem-se como práticas discursivas insurgentes, articulando saberes locais, experiências comunitárias e memórias coletivas de forma crítica e reflexiva. A análise

metodológica concentrou-se em compreender como as crônicas articulam experiências pessoais e comunitárias, construindo narrativas críticas e insurgentes.

Cada texto foi analisado atentamente, considerando a forma como as ideias são organizadas, a construção de sentido e a presença de vozes históricas e culturais que entram em diálogo ou tensão com discursos eurocêntricos dominantes. Esse processo permitiu identificar estratégias discursivas por meio das quais os/as estudantes estabelecem relações de poder, legitimam saberes locais e propõem interpretações críticas do mundo ao seu redor.

A escolha das crônicas como objeto de análise também responde à necessidade de observar formas de expressão que não se restringem ao formato de entrevistas ou relatos dirigidos, mas que permitem aos/as estudantes mobilizar experiências próprias e repertórios comunitários de maneira criativa e crítica.

Diferentemente de textos estruturados por perguntas e respostas, as crônicas oferecem maior liberdade para que a linguagem se desdobre em registros afetivos, ideológicos e culturais, articulando saberes locais, experiências comunitárias e perspectivas individuais. Funcionam como espaços de interação entre memória social, experiência histórica e reflexão crítica, nos quais os/as estudantes constroem sentido, negociam significados e desafiam hierarquias de conhecimento estabelecidas.

Portanto, a análise seguirá uma abordagem dialógica, considerando tanto o conteúdo insurgente das narrativas quanto os processos de produção textual em seu contexto social e histórico, evidenciando formas de resistência epistemológica e cultural.

## **NARRATIVAS INSURGENTES: VOZES E ECOS DO SERTÃO PARAIBANO**

Nesta análise, direcionaremos nossa atenção para duas crônicas veiculadas no jornal escolar. A primeira delas, intitulada *A vulnerabilidade que trans(forma): a conexão de Antônio e Sofia* (presente na Edição Oficial 01), e a segunda, denominada *Sombras e Cores: refletindo sobre as teias das desigualdades* (presente na Edição Oficial 02).

Nesse contexto, o cronista e sua crônica podem ser interpretados como representantes de um momento histórico singular, no qual o cotidiano serve como indicador do tempo vivido, tornando-se um espaço tangível e essencial para a narrativa da história. A rotina retratada na crônica e a experiência do cronista apontam críticas, desvendam mistérios e revelam os detalhes ocultos da sociedade. Essas narrativas abordam os receios, as esperanças e as vontades do povo, aspectos que só podem ser verdadeiramente revelados pela compreensão do momento presente, um instante que ganha vida nas páginas do jornal.

A estratégia de explorar as nuances do cotidiano foi cuidadosamente incorporada na elaboração das crônicas do jornal. Cada crônica foi meticulosamente concebida para transcender a superficialidade do dia a dia, proporcionando aos leitores uma imersão mais profunda nas intrincadas complexidades da vida cotidiana. Dessa maneira, as crônicas do jornal não se limitaram a um mero relato do trivial; ao contrário, tornaram-se veículos de reflexão que capturam a essência do presente, proporcionando uma conexão significativa com os leitores.

O processo de escrita das crônicas pelos/as estudantes produtores do jornal envolveu uma série de etapas cuidadosas, desde a concepção da ideia até a materialização da narrativa de forma coletiva. Inicialmente, os/as estudantes embarcaram em um exercício de observação atenta do cotidiano, identificando elementos, personagens e situações que poderiam servir como base para suas crônicas. Essa fase inicial foi crucial para a construção de crônicas autênticas, enraizadas em experiências reais.

Uma vez selecionados os temas, os/as estudantes passaram para a fase de pesquisa e coleta de informações complementares. Esta etapa envolveu conversas com pessoas reais da comunidade, busca por dados e contextos relevantes, a fim de enriquecer suas narrativas com detalhes verídicos

e representativos. A interação direta com o ambiente ao redor permitiu que suas crônicas adquirissem uma autenticidade que ressoa com os leitores.

A escolha cuidadosa de elementos literários também desempenhou um papel significativo no processo de escrita. Os/as estudantes exploraram recursos como metáforas, simbolismos e descrições vívidas para transmitir não apenas os fatos, mas também as emoções subjacentes às suas crônicas. Essa atenção à linguagem e à estilística contribuiu para a construção de textos envolventes e reflexivos.

Outro aspecto relevante foi a consideração da estrutura narrativa. Os/as estudantes enfrentaram o desafio de equilibrar a fluidez da narrativa com a transmissão efetiva das mensagens centrais. A organização cuidadosa de suas crônicas permitiu que mantivessem a atenção do leitor, conduzindo-os por uma jornada reflexiva através das palavras.

O processo de escrita das crônicas no *Jornal Ita* envolveu uma abordagem holística, desde a observação inicial até a seleção meticulosa de elementos jornalísticos e literários. A experiência proporcionou aos/as estudantes uma oportunidade valiosa para desenvolverem habilidades de escrita, além de expressarem suas perspectivas únicas sobre a sociedade em que vivem.

Vale salientar, que os/as estudantes, de maneira consciente e engajada, fizeram a escolha de explorar temáticas decoloniais em suas crônicas, direcionando a atenção para problemas sociais cruciais. Essa abordagem incluiu uma ampla gama de questões, como diversidade cultural, de gênero, orientação sexual, raça, etnia, religião, inclusão, empoderamento, desigualdade de classe e disparidades no acesso à educação, abrangendo, assim, os diversos pluralismos sociais existentes.

Ao escolherem essas temáticas sociais, os/as estudantes demonstraram um comprometimento notável em utilizar o jornal como uma plataforma para abordar assuntos muitas vezes negligenciados ou marginalizados. Essa escolha refletiu um desejo de fomentar a reflexão crítica e promover a conscientização entre os leitores.

Pensando nisso, em um contexto permeado pelo neoliberalismo, pelas lógicas ocidentalocêntricas, reiteramos a necessidade de uma abordagem educacional que seja sensível a compreensão da existência de mecanismos modernos coloniais que influenciam as diferentes formas de ser e estar dos sujeitos. Nessa trajetória, o ensino de Língua deve assumir a responsabilidade de operacionalizar letramentos que inspirem esperança (Freire, 1997 [1992]) e provoquem uma reflexão sobre as desigualdades, bem como sobre como essas desigualdades são perpetuadas através da linguagem. Vejamos abaixo a primeira crônica:

Figura 01 – Crônica da Edição Oficial 01



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A crônica “*A vulnerabilidade que trans(forma): a conexão de Antônio e Sofia*”, publicada na Edição Oficial 01 do jornal, constitui uma narrativa marcada por sensibilidade estética e densidade social, na qual estudantes transformam a experiência da escrita em espaço de elaboração crítica sobre desigualdades. O texto acompanha o encontro entre Antônio, homem idoso e cansado, portador de uma história de privações, e Sofia, uma menina que lhe oferece companhia, diálogo e afeto. Nesse encontro improvável, emerge uma narrativa que rompe com discursos cristalizados sobre a pobreza e a vulnerabilidade, reinscrevendo tais condições em chave de dignidade, esperança e resistência.

Logo nas primeiras linhas, o recurso a uma descrição atmosférica - a “manhã cinzenta”, as “ruas apressadas”, o contraste entre o tumulto coletivo e a figura solitária de Antônio - posiciona o leitor diante de um cenário em que a exclusão social se torna visível. Essa opção estética não é neutra: ao enfatizar o cansaço e os olhos tristes de Antônio, os/as autores/as conferem humanidade ao personagem, recusando a lógica social que o reduziria a invisível. Na perspectiva decolonial, essa

escolha narrativa opera um gesto político: enquanto a modernidade eurocentrada tende a naturalizar a marginalização dos sujeitos pobres, a crônica coloca essa experiência no centro, dignificando-a como tema e como voz.

O ponto de inflexão da narrativa ocorre com a chegada de Sofia, cujo gesto de estender a mão não apenas altera a trajetória do enredo, mas inaugura um espaço de reconhecimento mútuo. A menina não aparece como figura idealizada, mas como sujeito que, mesmo jovem e vulnerável, mobiliza um saber ancestral de solidariedade. Sua presença ressignifica a vulnerabilidade: em vez de ser lida como ausência ou falta, ela aparece como condição compartilhada que pode gerar vínculos e afetos. Nesse movimento, a crônica atualiza o que Walsh (2009) aponta como potencial da decolonialidade: deslocar o olhar da carência para a potência, da subalternidade para a agência.

O texto atinge profundidade ao construir a relação entre Antônio e Sofia por meio de um “diálogo silencioso”. Sob a lente da Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin, 2003 [1979]; Volóshinov, 2017 [1929]), esse recurso narrativo revela que a linguagem não se limita à palavra proferida, mas se materializa nos gestos, nos olhares, nos silêncios carregados de sentido. Trata-se de um enunciado responsivo, no qual cada gesto é uma tomada de posição diante do outro, instaurando um espaço polifônico onde diferentes vozes, sociais, históricas, culturais, se encontram. Nesse sentido, a crônica exemplifica como a escrita estudantil pode articular dimensões verbais e não verbais, explicitando a riqueza da linguagem enquanto prática social.

A estrutura narrativa, marcada por progressão afetiva, do cansaço à esperança, da solidão ao encontro, reforça o caráter insurgente da produção. O pôr do sol, metáfora que encerra o encontro, simboliza tanto a finitude daquele momento quanto a permanência de sua potência transformadora. Longe de encerrar a narrativa num ponto de conformismo, essa imagem projeta continuidade: a lembrança de Sofia acompanha Antônio em seu retorno, ecoando como memória social que desafia a invisibilidade e reafirma a dignidade. A escolha dessa metáfora indica que os/as estudantes elaboram poeticamente modos alternativos de significar a realidade.

Do ponto de vista pedagógico, essa crônica desloca a escrita de um exercício escolar para uma prática discursiva situada. Os/as estudantes não se limitam a reproduzir modelos formais de crônica; ao contrário, transformam o gênero em espaço de problematização crítica, mobilizando elementos estéticos (descrição atmosférica, metáforas, ritmo narrativo) para articular reflexões sobre desigualdade, empatia e solidariedade. Nessa direção, confirma-se a proposição de Geraldi (1984), segundo a qual a escrita deve ser compreendida como ato de interação social e não apenas como aplicação de normas.

A crônica também permite observar a circulação de vozes múltiplas. A voz de Antônio, marcada pela experiência do cansaço e da exclusão; a voz de Sofia, que encarna a esperança e a empatia; e a voz dos/as narradores/as, que articulam ambas em uma reflexão sobre humanidade e solidariedade. Essas vozes não estão isoladas: dialogam com discursos mais amplos da sociedade sobre pobreza, infância e dignidade, ora reforçando, ora tensionando significados hegemônicos. É nesse ponto que a TDL mostra sua força como lente analítica, pois evidencia a natureza polifônica da escrita e sua capacidade de pôr em cena relações de poder, ideologias e disputas de sentido.

Do prisma da decolonialidade, a crônica constitui um ato insurgente, pois rompe com a lógica colonial que animaliza ou invisibiliza os sujeitos subalternizados (Fanon, 1968). Ao narrar a vulnerabilidade como condição de encontro e transformação, o texto reconfigura o lugar de fala dos marginalizados, legitimando suas experiências como conhecimento. Assim, a produção estudantil não apenas tematiza a exclusão social, mas propõe outra forma de olhar para ela, ancorada em valores de solidariedade, empatia e dignidade.

Em síntese, a análise dessa crônica mostra como a escrita, no contexto do jornal escolar, pode se constituir em dispositivo de resistência epistemológica. Ao reinscrever sujeitos vulneráveis em uma narrativa de esperança e humanidade, os/as estudantes ampliam os horizontes da linguagem e da educação, mostrando que escrever é também intervir no mundo. A crônica, nesse

sentido, confirma a potência da escrita estudantil como prática crítica e insurgente, capaz de legitimar vozes historicamente silenciadas e de disputar os sentidos hegemônicos sobre quem merece ser visto, lembrado e narrado.

Após a análise da primeira crônica, seguimos para a segunda, “*Sombras e Cores: refletindo sobre as teias das desigualdades*”, publicada na Edição Oficial 02 do Jornal Ita. Nessa produção, os/as estudantes ampliam a densidade narrativa e a complexidade temática, explorando de maneira crítica as desigualdades de cor, raça e gênero a partir de uma cena cotidiana. Vejamos, portanto, como essa crônica mobiliza estratégias discursivas e decoloniais para propor uma reflexão coletiva sobre as teias que sustentam as discriminações em nossa sociedade.

**Figura 02** – Crônica da Edição Oficial 02



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A crônica “*Sombras e Cores: refletindo sobre as teias das desigualdades*”, publicada na Edição Oficial 02 do jornal, representa um amadurecimento notório na produção escrita dos/as estudantes, articulando estética, crítica social e ética. O texto é ambientado em um parque numa tarde de verão, cenário que funciona como metáfora do social: um espaço onde corpos, vozes e histórias se cruzam, revelando a complexidade do tecido comunitário e das relações sociais. Embora o cenário aparente

trivialidade, a narrativa rapidamente se desloca para o plano crítico ao focar nos sujeitos presentes, transformando-os em signos densos, condensadores de tensões históricas, culturais e políticas.

Bakhtin (2003 [1979]) enfatiza que todo enunciado é atravessado por vozes, intenções e valores, participando de uma rede dialógica de significados. Na crônica, essa polifonia se manifesta quando a narrativa tece uma reflexão ética sobre as desigualdades estruturais do cotidiano, sem reduzir a linguagem a um instrumento, mas mostrando seu caráter constitutivamente relacional e responsivo.

Os sujeitos representados, a mulher negra com seu filho, o casal inter-racial e a jovem que desafia normas de gênero emergem como corpos históricos, tensionando discursos normativos e coloniais. Ao destacar a dignidade e protagonismo dessas figuras, a crônica realiza um gesto de decolonialidade, conforme Quijano (2005), que problematiza a classificação racial como eixo organizador de hierarquias sociais. Ao legitimar experiências historicamente silenciadas, o texto desloca o olhar do leitor para práticas de reconhecimento, valorização e resistência frente à opressão, rompendo com a naturalização da desigualdade.

Sob a perspectiva da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, a crônica é polifônica: o narrador interage com discursos sociais heterogêneos que desumanizam e marginalizam, mas também dialoga com vozes de resistência. Segundo Bakhtin (2003 [1979], p. 272), “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal”, e nesse caso, o texto se posiciona como elo que conecta narrador, sujeitos e realidade social, promovendo interpelação ética sobre injustiças estruturais ainda presentes no século XXI. A escrita se apresenta como ato responsivo, estimulando reflexão crítica e posicionamento do leitor frente às desigualdades.

A crônica não se limita à denúncia: ela valoriza gestos cotidianos de resistência. O ato de empurrar um carrinho, a expressão de afeto do casal ou a postura confiante da jovem que desafia normas de gênero são representados como sinais de resistência epistêmica. Walsh (2009, p. 24) aponta que a decolonialidade se constrói nos interstícios da vida cotidiana, em práticas de reexistência que abrem fissuras no tecido da dominação. Assim, a narrativa eleva o cotidiano a campo de insurgência, conferindo densidade política e social a pequenas ações que, à primeira vista, pareceriam banais.

Ao deslocar o olhar da lógica eurocêntrica e universalizante para sujeitos historicamente subalternizados, a crônica legitima saberes e experiências locais, alinhando-se à perspectiva decolonial defendida por Mignolo (2005). A escrita se configura, portanto, como prática de resistência epistêmica: questiona desigualdades, reconhece experiências subalternizadas e propõe uma ética do cuidado, indicando que ações individuais e coletivas podem contribuir para transformação social.

Além da dimensão ética e decolonial, a crônica apresenta estratégias narrativas. O espaço e o tempo são tratados de forma flexível: o parque funciona como microcosmo temporal e espacial, onde passado, presente e futuro se cruzam nas experiências e memórias dos sujeitos retratados. As figuras humanas são focalizadas de maneira variável, ora através de descrição detalhada, ora por impressões subjetivas do narrador, conferindo dinamismo e múltiplos pontos de vista, reforçando o caráter dialógico e a capacidade da narrativa de refletir tensões sociais complexas.

No plano ético e social, a narrativa se configura como espaço de disputa simbólica. Ao colocar sujeitos historicamente marginalizados como protagonistas, a crônica convida o leitor à empatia crítica, incentivando a reflexão sobre práticas discriminatórias e propondo reconhecimento das múltiplas formas de resistência cotidiana. A produção estudantil aqui não é apenas escolar, mas constitui ato de insurgência epistêmica e prática de produção de conhecimento crítico, capaz de questionar estruturas hegemônicas e visibilizar experiências subalternas.

Portanto, ao articular estética, crítica e ética, a crônica revela que a linguagem se configura como um fenômeno dialógico, sempre atravessado por múltiplas vozes e intencionalidades, capaz de afirmar a humanidade compartilhada e produzir sentidos que tensionam estruturas de poder.

Nesse movimento, o texto se estabelece como espaço de insurgência, de reconhecimento da diversidade e de construção de significados emancipatórios, mostrando que escrever é, simultaneamente, uma prática de resistência e de transformação social.

### **CONSIDERAÇÕES PONTUAIS, NÃO FINAIS: HORIZONTES PLURAIS E FUTUROS INSURGENTES**

As crônicas produzidas pelos/as estudantes do Ensino Médio no contexto do jornal evidenciam a potência da escrita como prática social, crítica e insurgente. Ao articular experiências cotidianas, saberes comunitários e repertórios culturais, os/as autores/as construíram práticas discursivas que buscaram legitimar vozes historicamente silenciadas e tensionar hierarquias de conhecimento estabelecidas. Essa produção mostrou que a escola pode ser um espaço de disputa simbólica, onde estudantes tornaram visíveis as desigualdades e, simultaneamente, projetaram alternativas de compreensão e transformação social.

Sob a lente da Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin, 2003 [1979]; Volóshinov, 2017 [1929]), a linguagem se configura como espaço de diálogo com múltiplos interlocutores, efetivos ou implícitos, atravessando os textos com vozes sociais, históricas e culturais. Nesse contexto, escrever foi, também, participar de redes de interação, responder a discursos prévios e antecipar respostas futuras. Cada enunciado, cada metáfora, cada gesto narrativo presente nas crônicas funcionou como ponto de encontro entre diferentes perspectivas, mostrando que o ato de escrever envolve engajamento ético e responsabilidade social.

A perspectiva decolonial permitiu compreender como essas crônicas questionam a hegemonia eurocêntrica e problematizam desigualdades estruturais, ao mesmo tempo que buscam legitimar saberes locais, práticas culturais e experiências subalternizadas (Mignolo, 2003; Quijano, 2005; Walsh, 2009). Ao transformar o cotidiano em campo de insurgência, gestos simples, interações e observações se apresentam como estratégias de resistência epistêmica, indicando que a educação linguística pode constituir espaço de produção de sentidos críticos, éticos e inclusivos.

Dessa forma, ao relatar experiências e eventos aparentemente cotidianos, os/as estudantes realizaram uma ação que tensiona categorias normativas, permitindo que o leitor perceba as relações de poder e as hierarquias sociais que atravessam o cotidiano escolar e comunitário.

Essas produções sugerem que o ensino de Língua Portuguesa pode operar como espaço de reconhecimento da diversidade, construção de cidadania crítica e desenvolvimento de práticas de empatia e cuidado. A escrita estudantil, entendida como prática dialógica e decolonial, se apresenta como dispositivo de intervenção social, promovendo reflexão coletiva e participação ativa na comunidade. Além disso, o trabalho com crônicas permite que estudantes incorporem diferentes pontos de vista, dialoguem com vozes diversas e recontem narrativas que, historicamente, seriam silenciadas ou marginalizadas.

No horizonte das práticas educativas, a produção de crônicas e outros gêneros orais e escritos pode constituir estratégia pedagógica para fortalecer vozes subalternizadas, fomentar reflexão crítica e promover práticas de resistência epistemológica em contextos escolares variados. O jornal escolar, nesse sentido, se revela como laboratório de insurgência decolonial, no qual também planejam, organizam informações e problematizam conteúdos, articulando saberes locais e comunitários com análise crítica e ética. Essas atividades maiores e mais complexas ampliam o alcance da ação educativa, mostrando que o ensino de Língua Portuguesa pode ser terreno fértil para experiências transformadoras e experimentação social.

As considerações apontam, ainda, que a escrita insurgente contribui para a construção de horizontes plurais, nos quais múltiplas vozes dialogam e se afirmam. Ela sugere que a escola não precisa se limitar à transmissão de normas e conteúdos, mas pode assumir o papel de mediadora de experiências, memórias e saberes comunitários, promovendo processos de valorização cultural e reconhecimento social. Ao envolver estudantes em produção textual com densidade ética,

estética e crítica, cria-se uma ponte entre linguagem, subjetividade e transformação social, fortalecendo a ideia de que a escrita é, simultaneamente, prática de resistência e de construção de sentido.

Essas considerações pontuais indicam caminhos abertos e contínuos para a educação linguística. A produção de crônicas no jornal escolar permanece como ponto de partida para novas pesquisas, reflexões e práticas, evidenciando que a linguagem é, por natureza, dialógica e capaz de atuar como espaço de insurgência, afirmação da diversidade e construção de sentidos emancipatórios. Ao mesmo tempo, sugere que futuras ações pedagógicas podem explorar outras formas de engajamento crítico, como oficinas, debates e produção multimodal, expandindo ainda mais o papel da linguagem como agente de transformação social e política.

**Contribuições dos Autores:** Brazil, P. N.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Xavier, M. M.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**Aprovação Ética:** Não aplicável.

**Agradecimentos:** Não aplicável.

## REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Creswell, J. W., & Creswell, D. (2017). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra* (pp. 27-31). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Geraldi, J. W. (1984). *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Mignolo, W. (2005). A colonialidade de cabo a rabo: O hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In E. Lander (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 71-103). Buenos Aires: CLACSO.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias locais/projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In A. Quijano, *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 117-142). Buenos Aires: CLACSO.
- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (2012). *Qualitative interviewing: The art of hearing data*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Volóchinov, V. (2017). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34.
- Walsh, C. (2009). Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: In-surgir, re-existir e re-viver. In: Candau, V. M. (Org.), *Educação intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas* (pp. 12-43). Rio de Janeiro: 7 Letras.

**Recebido:** 3 de junho de 2025 | **Aceito:** 12 de agosto de 2025 | **Publicado:** 16 de setembro de 2025



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.